

07



FLEXA

08 MARLENE ALMEIDA |

FLEXA



08

MARLENE ALMEIDA: VÉIOS DA TERRA

MARLENE ALMEIDA: VÉIOS DA TERRA





Marlene Almeida: veios da terra

Marlene Almeida:
Veins of the Soil

Daniela Avellar
Texto crítico / Critical text

Julio Shalders
Expografia / Exhibition design

FLEXA





Sumário

11 **Marlene Almeida:**
veios da terra

23 *Marlene Almeida:*
Veins of the Soil

25 ÍNDICE DE OBRAS [ARTWORK INDEX]



Marlene Almeida: veios da terra



1 Bruno Latour,
*Diante de Gaia:
Oito conferências
sobre a natureza no
Antropoceno*. São
Paulo: Ubu, 2020.

Daniela Avellar

Para além da chamada crise climática, o que testemunhamos hoje pode ser percebido como uma profunda mutação: erosões, extinções e derretimentos nos anunciam um mundo em transição. Bruno Latour, antropólogo francês, caracterizou a Terra enquanto Gaia, uma força mítica, ao mesmo tempo científica e política, que irrompe na história do mundo nos cobrando determinadas revisões.¹

Em meio a esse cenário, é importante dizer que a obra de Marlene Almeida, artista paraibana, envolve uma necessária reconexão com a terra. Sua atuação como ativista é notória: ela é sócia-fundadora da primeira entidade ambiental criada na Paraíba, a Associação Paraibana dos Amigos da Natureza (APAN), que está ativa até hoje e faz parte do Movimento de Artistas pela Natureza. A presente mostra exibe sua produção recente, com trabalhos realizados entre 2019 e 2024.

Desde a década de 1970, a artista investiga o solo brasileiro como organismo vivo, explorando matéria, tempo e território por meio de práticas de expedição, nas quais identifica e estuda os terrenos e suas formações. A partir disso, recolhe amostras de sedimentos de diferentes regiões, utilizando suas tonalidades, texturas e cheiros como insu-
mos de criação. Dessa forma, cria um inventário de fragmentos onde cada parte é inscrição temporal e territorial, como partículas capazes de guardar vestígios.

Seu ateliê funciona simultaneamente como laboratório e museu não institucional. Os elementos orgânicos se transformam em pigmento,

gerando uma paleta incomum e situada a partir das regiões que visita, em um gesto implicado. Tons terrosos, ferrugem, terracota e cinza condensam ideias de transmutação: “A cor não se preocupa com o tempo”, diz a artista. Essas cores são reunidas em pequenos recipientes, conformando o chamado Museu das terras brasileiras. Na obra *Terra livre* (2019), reúne amostras caracterizadas por suas diferentes origens geográficas — sertão, cariri, brejo e litoral da Paraíba. Em *Veredas* e *Cordilheira* (ambas de 2022), especificações vegetais e topológicas aparecem em seus títulos, dando a ver as relações estabelecidas durante expedições.

O uso de recursos trazidos diretamente da natureza é feito sem sucumbir a categorias estagnadas, tais como a própria ideia de natureza como algo estático e inerte, o que dá lugar à possibilidade de coexistência polifônica de diferentes modos de existência. *Veios da terra* (2024) são pinturas em que formas orgânicas ramificadas, feito rizomas, evocam tanto a imagem dos fluxos que acontecem sob o solo como a ideia das conexões entrelaçadas entre os mundos humano e não humano.² Já em *Terra da saudade* (2024), observamos uma fenda que revela a raiz de uma árvore percorrendo diferentes direções.

Os densos campos de cor e suas texturas, as manchas e rugosidades em camadas sobrepostas sugerem fluxos ao olhar, como se a matéria seguisse se rearranjando por meio de passagens e novas formações. A percepção de suas obras é, desse modo, algo que nos guia para uma escuta desde o interior dos materiais, evocando as dinâmicas transformativas da terra. Em *Aguda como serra II* e *Aguda como serra III* (ambas de 2024), tons cinzentos e avermelhados comparecem para dar densidade a figuras de montanhas e penhascos. As manchas aguadas conformam uma textura única, que remete à expressividade própria da terra, algo que atravessa sua prática pictórica constantemente.

Marlene Almeida pratica uma escuta profunda, um contato direto com o ambiente. No lugar da dominação e da extração, entra em cena a ideia de cooperação. Em um processo minucioso e ritualístico, adota uma postura alquímica, como se respondesse à convocação de Gaia. Isabelle Stengers (1949), filósofa e historiadora belga, propõe reativarmos o termo “magia”, nos desprendendo de seu uso metafórico e pensando-o como uma dimensão capaz de nos colocar em relação com as coisas.³ Há um gesto ético no fazer da artista, a um só tempo mágico e político, quando instaura um método do encantamento diante do contato entre sujeito e os elementos não humanos. Sua prática se tece junto à terra que respira.

2 A denominação “não humano” refere-se a seres e forças, tais como animais, plantas, objetos, tecnologias, matérias, que participam ativamente das relações sociais. Essa noção está presente em debates filosóficos, ecológicos, na arte, na comunicação, e propõe uma visão de mundo em que humanos e não humanos formam redes de interdependência.

3 Isabelle Stengers, “Reativar o animismo”. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2017. Caderno de Leituras n. 62.

O pensamento de Antônio Bispo dos Santos, filósofo, escritor e líder quilombola brasileiro, ajuda a compreender essa relação de envolvimento.⁴ Nêgo Bispo, como ele ficou conhecido, caracteriza a terra como um anseio original e explica que o saber tradicional a entende como organismo relacional, formado por todos os seres que a compartilham. Em contraste, as práticas agrárias modernas, com seu plantio linear e monocultor, romperam a harmonia que o plantio triangular preservava. A erosão e o desequilíbrio, assim, não são apenas ambientais, mas também epistemológicos — resultado de um afastamento entre corpo e terra.

A produção de Marlene Almeida se inscreve, dessa forma, em um campo de pensamento e de prática capaz de reagir às urgências contemporâneas. Ao trabalhar com o solo, mobiliza simultaneamente ciência, espiritualidade, arte e política, gerando caminhos de reimaginação da ideia de natureza. A terra, aqui, deixa de ser um cenário e passa a ser protagonista, uma força pensante que nos convoca a reimaginar as possibilidades de relação com o mundo.



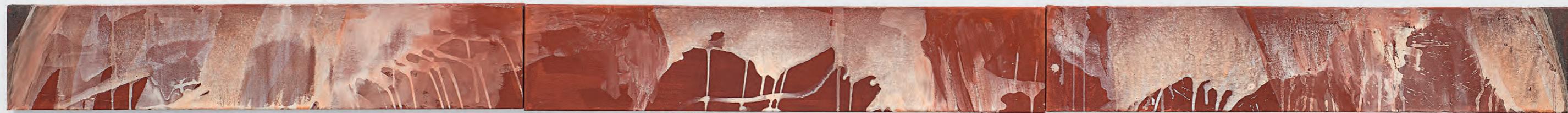
14

Marlene Almeida *Aguda como serra II*, 202



15

Marlene Almeida *Aguda como serra III*, 2024









Marlene de Almeida: Veins of the Soil

Daniela Avellar

Beyond the so-called climate crisis, what we are witnessing today can be seen as a profound mutation: erosion, extinctions, and melting glaciers herald a world in transition. Bruno Latour, a French anthropologist, described the Earth as Gaia, a mythical force that is at once scientific and political, bursting into world history and demanding certain revisions from us.¹

In this context, it is important to highlight that the work of Marlene Almeida, an artist from Paraíba, involves a necessary reconnection with the land. Her engagement as an activist is also notable: she is a founding member of the first environmental organization established in Paraíba, the Associação Paraibana dos Amigos da Natureza [Paraíba Association of Friends of Nature], which remains active to this day, and she is also part of the Movimento de Artistas pela Natureza [Artists for Nature Movement]. This exhibition presents the artist's recent work, created between 2019 and 2024.

Since the 1970s, Almeida has been investigating Brazilian soil as a living organism, exploring matter, time, and territory through expedition-based practices in which she identifies and studies different terrains and their formations. From these explorations, she gathers sediment samples from different regions, using their shades, textures, and scents as creative material. In this way, Almeida constructs an inventory of fragments in which each part is a temporal and territorial inscription, like particles capable of holding traces.

The artist's studio functions simultaneously as a laboratory and a non-institutional museum. Organic elements are transformed into pigment, generating an unusual palette based on the regions visited, in an engaged gesture. Earthy tones, rust, terracotta, and gray condense ideas of

transmutation: "Color is not concerned with time," she says. These colors are gathered in small containers, forming what the artist calls the Museu das terras brasileiras [Museum of Brazilian Soils]. In the work *Terra livre* (2019), Almeida brings together samples from diverse geographic origins—*sertão*, *cariri*, *brejo*, and the coast of Paraíba. In *Veredas v* and *Cordilheira* (both from 2022), vegetal and topographical elements appear in the titles themselves, revealing the relationships established during the expeditions.

The use of resources brought directly from nature is practiced without falling into stagnant categories, such as the very idea of nature as something fixed and inert, which allows for the possibility of polyphonic coexistence of different ways of being. *Veios da terra* (2024) is a series of paintings that feature branched organic forms, resembling rhizomes, evoking both the image of flows under the ground and the idea of intertwined connections between human and non-human worlds.² Meanwhile, in *Terra da saudade* (2024), we see a crack revealing the roots of a tree growing in different directions.

The dense color fields and their textures, the overlapping layers of stains and roughness, suggest flows to the eye, as if the material were constantly rearranging itself through passages and new formations. The perception of the artist's works is, in this way, something that guides us to listen from within the materials, evoking the transformative dynamics of the land. In *Aguda como serra II* and *Aguda como serra III* (both from 2024), gray and reddish tones appear to densify the figures of mountains and cliffs. The watery marks form a singular texture, recalling the expressiveness of the land, something that constantly permeates Almeida's pictorial practice.

Marlene Almeida practices a profound listening, a direct attunement to the environment. Instead of domination and extraction, the idea of cooperation comes into focus. In a meticulous and ritualistic process, she adopts an alchemical posture, as if responding to Gaia's call. Belgian philosopher and historian Isabelle Stengers proposes that we reactivate the use of the term "magic," detaching ourselves from its metaphorical use and thinking of it as a dimension capable of placing us into relation with all existing things.³ There is an ethical gesture in the artist's work, which is both magical and political, when she establishes a method of enchantment through contact between individual and non-human elements. Her practice is woven together with the breathing soil.

The thinking of Antônio Bispo dos Santos, also known as Nêgo Bispo, a Brazilian philosopher, writer, and quilombola leader, helps us understand this relational involvement.⁴ Bispo characterizes the land as an original longing and explains that traditional knowledge understands it as a relational organism, formed by all the beings who share it. In contrast, modern agricultural practices, with their linear, monocultural planting, have disturbed the harmony that the triangular planting pattern preserved. Erosion and imbalance, therefore, are not only environmental but also epistemological—the result of a detachment between the body and the earth.

Marlene Almeida's work thus inhabits a field of thought and practice capable of responding to contemporary urgencies. By working with soil, she simultaneously mobilizes science, spirituality, art, and politics, generating ways of reimagining the idea of nature. Here, the Earth is no longer a backdrop but becomes the protagonist, a thinking force that calls us to reimagine the possibilities of our relationship with the world.

Notes

1 Latour, Bruno. *Facing Gaia: Eight Lectures on the New Climatic Regime*. Trans. Catherine Porter. Cambridge: Polity Press, 2017.

2 The term "non-human" refers to beings and forces, such as animals, plants, objects, technologies, and materials, that actively participate in social relations. This notion appears in philosophical and ecological debates, as well as in art and communication, and proposes a worldview in which humans and non-humans form interdependence networks.

3 Isabelle Stengers, "Reclaiming Animism".
e-flux #36, 2012.

4 Antônio Bispo dos Santos, *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023.

Índice de obras [Artwork index]

MARLENE ALMEIDA

PP. 1, 9

Veios da terra III, 2024

pigmentos minerais naturais e aglutinantes sobre tela [natural mineral pigments and binders on canvas]

145×174 cm
[57×68 1/2 in]

P. 8

Veios da terra I, 2024

pigmentos minerais naturais e aglutinantes sobre tela [natural mineral pigments and binders on canvas]

145×174 cm
[57×68 1/2 in]

PP. 4, 14

Aguda como serra II, 2024

pigmentos minerais naturais e aglutinantes sobre tela [natural mineral pigments and binders on canvas]

100×100 cm
[39 3/8×39 3/8 in]

PP. 4, 15

Aguda como serra III, 2024

pigmentos minerais naturais e aglutinantes sobre tela [natural mineral pigments and binders on canvas]

145×174 cm
[57×68 1/2 in]

PP. 5, 16

Cordilheira, 2024

pigmentos minerais naturais e aglutinantes sobre tela [natural mineral pigments and binders on canvas]

145×174 cm
[57×68 1/2 in]

CAPA, P. 8

Veios da terra IV, 2024

pigmentos minerais naturais e aglutinantes sobre tela [natural mineral pigments and binders on canvas]

100×100 cm
[39 1/2×39 1/2 in]

PP. 2, 9

Veios da terra V, 2024

pigmentos minerais naturais e aglutinantes sobre tela [natural mineral pigments and binders on canvas]

100×100 cm
[39 3/8×39 3/8 in]

PP. 5, 6, 10, 18

Terra da saudade, 2024

pigmentos minerais naturais e aglutinantes sobre tela [natural mineral pigments and binders on canvas]

145×174 cm
[57×68 1/2 in]

PP. 5, 18, 22

Marrom como sombra III, 2024

faixas de lona crua pintadas com pigmentos minerais naturais, aglutinantes [raw canvas strips painted with natural mineral pigments and binders]

145×50 cm

[57×19 1/2 in]

PP. 16-17, 19

História da terra, 2024

base, pigmentos minerais naturais, e resinas sobre lona. políptico composto por seis telas [base, natural mineral pigments and resins on canvas. polyptych composed of six canvases]

110×300 cm

[39 1/2×118 in]

PP. 4-5, 8-9, 18-19, 20-21

Terra livre, 2019

sacos de tecido de algodão cru, terra de regiões variadas do Brasil (sertão, cariri, brejo e litoral paraibano) [bags of unbleached cotton fabric, soil from different regions of Brazil (sertão, cariri, brejo, and the coast of Paraíba)] dimensões variadas [variable dimensions]

Marlene Almeida: veios da terra [Marlene de Almeida: Veins of the soil]

EXPOSIÇÃO [EXHIBITION]

texto crítico [critical essay]

Daniela Avellar

expografia [exhibition design]

Julio Shalders

cenografia [scenography]

Matheus Antonio

assessoria de imprensa

[press office]

Factoria Comunicação

fotografia [photography]

Edouard Fraipont

Mario Grisolli

revisão [proofreading]

Duda Costa

tradução [translation]

Vinicio da Silva

montagem [handling]

Pedro Henrique Araujo Dias

da Costa

Patrick Anderson Guimarães

Andrade

sinalização [signage]

Profisional

pintura [painting]

Antônio Gonçalves Neto

Bruno Moreno de Sousa

Evandro Carlos da Conceição

Jorge Garcia do Carmo

Manoel Júnior de Almeida

Nivaldo José da Silva

Raimundo Costa Mulato

Rinaldo Correia da Silva

Agradecimentos [Special thanks]

CATÁLOGO [CATALOG]

concepção geral

[general concept]

Giovanni Bianco

projeto gráfico [graphic design]

Elaine Ramos

Julia Paccola

Ana Lancman

produção gráfica

[graphic production]

Amauri Souza

impressão e tratamento de cor

[printing and color correction]

Ipsis Gráfica e Editora S/A

preparação de texto

[copyediting]

Cecília Rocha

revisão [proofreading]

Hudson Rabelo

Tanja Baudoin

Almeida & Dale

Emanuelly Guedes Dantas

da Nobrega

Galeria Marco Zero

José Rufino

Pedro Scudeller